



# O IMPREVISÍVEL CAPAZ DE MUDAR TUDO: ANOTAÇÕES SOBRE O FENÔMENO DO ACONTECIMENTO \*

The Unpredictable Capable of Changing Everything: Notes on the Phenomenon  
of the Event

MARCELO FABRI \*\*

Lo Impredicible Capaz de Cambiarlo Todo: Notas sobre el Fenómeno del Acon-  
tecimiento

**Resumo:** O acontecimento é imprevisível. Ele nos afeta de maneiras diferentes e muitas vezes pode ser excessivamente traumático. Portanto, quem o vivencia não deixa de ser uma testemunha e um respondente. A subjetividade tem em si algo que absolutamente transcende sua capacidade, pode extrair de si muito mais do que acredita possuir. No fluxo ininterrupto dos fatos do mundo, na repetição eterna do que vivemos, surge algo que não é um simples caso de regularidade casual. Neste artigo, apontamos três características essenciais do acontecimento: imprevisibilidade, dádiva e fecundidade.

**Palavras-chave:** acontecimento, fenomenologia, imprevisível, subjetividade

**Abstract:** The event is unpredictable. It affects us in different ways and can often be overly traumatic. Therefore, whoever experiences it does not cease to be a witness and a respondent. Subjectivity has in itself something that absolutely transcends its capacity, can extract from itself much more than it could imagine. In the uninterrupted flow of the facts of the world, in the eternal repetition of what we live, something arises that is not a simple case of casual regularity. In this article, we point three essential characteristics of the event: unpredictability, gift and fecundity.

**Keywords:** event, phenomenology, unpredictable, subjectivity

**Resumen:** El acontecimiento es impredecible. Nos afecta de diferentes maneras y, a menudo, puede ser demasiado traumático. Por tanto, quien lo experimenta no deja de ser testigo y demandado. La subjetividad tiene en sí misma algo que trasciende absolutamente su capacidad, puede extraer de sí misma mucho más de lo que cree tener. En el fluir ininterrumpido de los hechos del mundo, en la eterna repetición de lo que vivimos, surge algo que no es un simple caso de regularidad casual. En este artículo señalamos tres características esenciales del acontecimiento: imprevisibilidad, don y fecundidad.

**Palabras clave:** acontecimiento, fenomenología, impredecible, subjetividad.

\* Palestra realizada no III Congresso Internacional de Fenomenologia & Psicologia e V Congresso Brasileiro de Psicologia e fenomenologia, UFPR, Curitiba, 2021

\*\* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: fabri.ufsm@gmail.com. Orcid: 0000-0003-4712-8207.



## Introdução

Todo acontecimento traz a marca do imprevisível. Ele nos chega não se sabe de onde, afeta-nos de diversos modos e, muitas vezes, pode ser excessivamente traumático. Trata-se, portanto, de algo que não pode ser previsto, preparado e controlado por nenhuma esfera de poder existente no mundo. No fluxo ininterrupto dos fatos do mundo, na eterna repetição do que experimentamos, surge algo que não é um simples caso de uma regularidade casual. Nossa pergunta se coloca: como é que o imprevisível entra no mundo? Como descrever fenomenologicamente essa entrada? Não seria melhor afirmar que o acontecimento é um fato do mundo, como outro qualquer, uma espécie de ilusão subjetiva que faz pensar que ele é algo especial e inusitado quando, na verdade, tudo faz parte de umnexo causal que perpassa tudo? Ou, para perguntar de outro modo, em vez de se falar de um “sujeito” do acontecimento, não seria melhor dizer que as coisas simplesmente acontecem, sem nenhuma relação necessária com alguém em particular? A fenomenologia, especialmente aquela praticada na França nos últimos anos, insiste em que não há acontecimento sem um sujeito que seja impactado por ele. Aquele que vivencia um acontecimento será uma testemunha e um respondente. Uma ipseidade que se descobre em questão. O “eu” poderá desta sorte ser interpelado e habitado por algo que o transcende, que o faz extrair de si o que não acreditava possuir. O imprevisível entra no mundo: eis uma saída dos domínios da imanência. Ao nos colocar diante de um radicalmente “outro”, o acontecimento tem o poder de nos conduzir diretamente ao fluxo vital. Graças a ele, despertamos para o jorro da criação e da vida.

## O Tempo, esse Imprevisível

Para definir uma filosofia do acontecimento é importante considerar seu nascimento como recusa do pensamento especulativo em nome da concretude de nosso existir no mundo. Hegel é famoso por ter atribuído o predicado existência apenas para a essência. A manifestação do real é unidade de essência e existência e, sendo assim, possibilidade e contingência são apenas momentos da realidade. No fundo, somente a essência existe (Hegel, 1987, § 112, p. 77-88). O acontecimento enquanto tal não terá lugar algum no sistema. Toda contingência será absorvida pela necessidade.

O primeiro grande nome de uma filosofia do acontecimento, que queremos evocar, é Kierkegaard. Este filósofo pensou o existir humano a partir do instante, do encontro e da contingência. A verdade da existência é devir, movimento da decisão, paixão infinita. Eis por que Kierkegaard centra suas análises no *modo* como experimentamos nossa existência no mundo. Denunciou, sobretudo, o pensamento que não tem olhos para a contingência. Na especulação, só há lugar para a necessidade e, portanto, nada pode de fato *acontecer* (Kierkegaard, 1973, p. 115). Algo só *acontece* se houver uma interioridade com seu pátos, sua dor, sua recusa em se deixar absorver por um sistema de pensamento. O “eu” descobre que não pode entrar definitivamente na contabilidade do universal, da história, da infinitude e da razão. O “eu” que se encontra na existência despertou para o poder na própria finitude. Sabe que ultrapassar a finitude pelo pensamento é um engodo, uma ilusão. “A possibilidade da morte está presente a cada instante” (Kierkegaard, 2013a, p. 85).

Eis por que Heidegger pode ser considerado como um nome importante de uma filosofia do acontecimento. É preciso levar a sério o poder que emerge de nossa relação com o *fim*. E tal relação seria o acontecimento por excelência. Para Levinas, a ontologia heideggeriana mostrou com maestria que conceitos metafísicos básicos tais como relação, movimento e efetividade, que até então se referiam ao ser em sentido substancial, foram transpostos para o ser como acontecimento. Assim, antes de ser a produção do que existe, ou a ação do que existe sobre um objeto, para Heidegger “o acontecimento é o puro fato de existir” (Levinas, 1994, p. 98). O que isto significa exatamente?

Que o fato de existir, até então considerado como puro, inofensivo e tranquilo, ou seja, como algo sereno e absolutamente igual a si mesmo em meio a tantas mudanças e aventuras que poderiam advir a um determinado ente, torna-se, a partir de Heidegger, o acontecimento do transcender. As preposições que articulam o acontecimento de ser (em, para e com) estão na raiz do verbo ser. As cópulas apenas traduzem a dinâmica de nosso existir no mundo. A realização da potência, que em sentido clássico era um acontecimento de neutralização, não mais será definida por referência ao ser como ato. Nas palavras de Levinas:

Para que a potência constitua inevitavelmente o ser, para que o ser seja inevitavelmente acontecimento, é preciso que a potência se defina diferentemente que por referência ao ato, que ela esteja fora da finalidade (...). É preciso que o acontecimento da existência seja outra coisa que a realização de um fim preexistente de algum modo (...). Realizar a possibilidade da morte é realizar a impossibilidade de toda realização” (Levinas, 1994, p. 99).



Ou seja, é estar no possível como tal, numa relação com o *fim*, mas sem nenhuma ideia de finalidade. Eis que a morte permite que a possibilidade permaneça simplesmente possibilidade, ou seja, o acontecimento da existência como tal. Existência que pode se libertar de uma concepção de tempo que desvia o existente humano de sua possibilidade mais própria, da conquista de seu *si-mesmo* como ser-para-a-morte. A decisão é o existir autêntico e originário, ela liberta o *ser-aí* de um existir fechado às próprias possibilidades. Por que a morte é tão importante? Porque é possibilidade da impossibilidade da existência, é uma relação com o *fim* sem sentido finalístico ou solução de continuidade (Heidegger, 2002, § 53, p. 46). A morte, para o *ser-aí*, jamais é uma realidade. É apenas possibilidade. Não é um acontecimento empírico futuro, mas encontro com seu próprio destino. O *ser-aí* só poder receber os golpes da vida porque se compreende a si mesmo como destino, isto é, quando se torna livre para a morte, estando “aberto para ‘vir ao encontro’ de circunstâncias ‘favoráveis’ e para o pavor dos acasos” (Heidegger, 2002, §74, p. 190).

De nossa parte, perguntamos: e quanto à vida, à criação, à novidade? Bergson, filósofo que, na nossa perspectiva, exerceu um influxo notável sobre as discussões fenomenológicas sobre o acontecimento, sobretudo na França, é uma referência fundamental em nossa reflexão. Pois, em Bergson, afirma Levinas numa entrevista, “o tempo é o imprevisível! É igualmente promessa e amor. Bergson não o diz desse modo. Mas o tempo é abertura, criação (...). Há mais esperança em Bergson que em Heidegger” (Saint Cheron, 2010, p. 43-44). Na perspectiva de Bergson, não só o ser humano, mas também o universo, está atravessado pelo imprevisível, e conseqüentemente, pela novidade contínua. Podemos tentar prever, desenhar ou visualizar o que irá nos acontecer, mas tudo isto são apenas pobres e abstratas representações se comparado ao poder dos acontecimentos. Por quê?

Porque nossas vidas são marcadas por imprevistos aparentemente sem importância, mas que têm um notável poder transformador. “A realização traz consigo um nada imprevisível que muda tudo” (Bergson, 2014, p. 135). Realização não é, nesse caso, atualização, mas *criação*. Eis a maravilha do tempo: um acontecimento banal traz algo de novo ao mundo, algo dotado de originalidade, tal como ocorre com a obra de arte. Que estranho poder, o do acontecimento! Tudo o que se tentou prever ou pré-traçar se esvai, se desvanece, dando lugar a uma novidade que ultrapassa toda ação planejada. Tempo é indeterminação.

Nossos hábitos de inteligência nos impedem de ver que o tempo, que tece nossas vidas, se beneficia continuamente de um excesso de sentido que vai além de tudo o que supostamente é real. Eis, com efeito, o que nos ensina Bergson: “Na medida em que a realidade se cria, imprevisível e nova, sua imagem se reflete atrás dela no passado indefinido; ela se encontra, assim, como um ter sido possível, desde sempre” (Bergson, 2014, p. 146). Ou seja, não é a possibilidade que antecede a realidade, uma vez que é a própria realidade emergindo como novidade imprevisível que produz a possibilidade que supostamente a precedeu. O presente produz uma espécie de miragem pela qual tomamos como certo de que a imagem do futuro estava contida no presente. A conclusão é desconcertante: não é o possível que se faz real, mas o contrário. O possível possui um sentido enfaticamente positivo. Conseqüentemente, o acontecimento nos faz ver que o passado se explica sempre depois. Ou seja, é aquilo que acontece que dá razão ao que precede. O presente remodela o passado, assim como o efeito remodela o que o teria causado<sup>1</sup> (Bergson, 2014, p 149).

Levinas, muito influenciado por Bergson, sublinha a concepção de tempo como um imprevisível. A morte é possibilidade do acontecimento, mas num sentido bem diferente do de Heidegger. A aproximação da morte é a relação com algo de absolutamente outro. A morte nos traz a alteridade, isto é, algo que não podemos prever e, conseqüentemente, assumir. Curiosamente, a morte me desperta para um futuro que não será nunca o *meu* futuro. A morte ou sua vinda rompe de certo modo a clausura de um corpo que está sempre a pressentir seu sofrimento e o seu fim. O existir se torna pluralista. O tempo é, portanto, relação com o *outro*, imprevisível (Levinas, 2011). Há, no acontecimento de outrem, um imprevisível e um incompreensível. O rosto se furta a todo domínio. O “outro” pode nos trazer violência? Sim, sua imprevisibilidade o pressupõe. Mas ele é também uma dádiva e um apelo. Quando não esperamos mais nada, o rosto é um dom que nos vem.

## Como o Imprevisível entra no Mundo?

O acontecimento diz respeito ao *como* a experiência é pensada. É a partir dele que se define a importância da experiência, bem como as expectativas em relação àquilo que vivenciamos. O verdadeiro acontecimento tem o poder de mudar radicalmente uma orientação social, história e humana. Ele é decisivo exatamente porque ultrapassa toda possibilidade de determinação, abrindo algo jamais planejado (Waldenfels, 2004). O acontecimento nos chega e nos afeta sem que possamos associá-lo a causas definidas e controláveis. É por isso que, na maior parte do tempo, nossa vida é uma batalha contra as imprevisibilidades. Isso ocorre nas relações com os outros, com nossos corpos, com nosso trabalho, etc. Esforço sempre renovado para nos garantir contra o que nos pode ameaçar em nossa fragilidade. Numa palavra, criamos estruturas de proteção. A existência burguesa talvez seja isto: um existir “materialista” interessado em si mesmo, que deixa de fruir de

<sup>1</sup> Num texto sobre o acontecimento, Zizek manifesta uma forte influência de Bergson, sem, no entanto, confessá-lo. Para mostrar que o modo como vemos o mundo transforma radicalmente nossa relação com o mundo, Zizek oferece um exemplo que, assim o pensamos, permite compreender o que Bergson está propondo: “Apaixonar-se muda o passado: é como se eu *sempre* já amasse você, como se nosso amor fosse predestinado muito antes de nos conhecermos. Meu amor atual causa o passado que lhe deu à luz” (Zizek, 2017, p. 105. Itálico do autor).



muita coisa no presente para poder acumular recursos para “necessidades” que, cedo ou tarde, baterão à porta. Pode-se dizer que, em boa medida, o viver cotidiano busca proteger-se dos acontecimentos.

Vemos essa busca de proteção nos rituais e sistemas religiosos que atravessam a história, nos diferentes modos de se negociar com o divino, de garantir que a sorte individual possa significar algo para além das dores e dos sofrimentos que experimentamos. O próprio *logos*, tão caro a todos nós, que amamos a filosofia e as ciências, é um modo de nós nos impormos com ordem e regramento. A razão, em grande medida, se realiza como desejo de unificar, de organizar o diverso, de sair do vaivém das opiniões intermináveis, das contingências que ameaçam a estabilidade do conhecimento e do poder a ele associado. As ciências modernas, herdeiras da ideia grega de razão e de verdade, não representam juntamente com a técnica o desejo profundo de encontrar medidas capazes de conter ou, pelo menos, prevenir os acontecimentos? Terá a noção de “objeto” um sentido que não seja relativo ao desejo de nos precaver contra possíveis e iminentes imprevistos ou imprecisões?

Cremos ser necessário defender a referida prevenção. Como pensar ou fazer ciência sem a ascese rigorosa de um trabalho que coloca nossos corpos sob o comando de regras, hábitos, esforços e sacrifícios? Nada podemos produzir sem disciplina, forma, constrangimentos. No mundo acadêmico, por exemplo, nunca é demais se disciplinar para organizar e produzir ideias. Uma enfermidade inesperada leva-nos a buscar melhorias para garantir a saúde e a vida de tantas pessoas. Sem esta obediência ao que Kant chamou de regras presentes no intelecto humano, não seria possível pensar com rigor e realizar tantas pesquisas. Sem certas “condições transcendentais” não teríamos escolas, programas de ensino e, conseqüentemente, as universidades.

E, no entanto, o possível ultrapassa o desejo de dominação, de controle, de medida. Vai além da obra legisladora do entendimento e da linguagem. Nenhum sistema formal se fecha sobre si mesmo, ou seja, “a demonstração, a razão e o formato deixam um resíduo, em todos os lugares, naturais e culturais (...). O real se dispersa em torno do racional. O concreto supera o abstrato. Os casos singulares excedem a regra” (Serres, 2005, p. 39). Tal desequilíbrio rege o mundo, a história, as ciências, as culturas. Aqui e ali, afirma Serres, ramos arborescentes são gerados, germinam, proliferam. Mas, lembremos uma vez mais, esses acontecimentos que ultrapassam as regras não devem ser considerados como destruidores das regras, da ordem e da razão. “Apagar o acontecimento contingente em nome da lei racional parece-me tão pouco racional, por parte do antigo pai, quanto suprimir o a lei em nome do real pululante, por parte do novo filho” (Serres, 2005, p. 41).

Sem sistemas de proteção contra os acontecimentos, a vida não poderia preservar-se, conservar-se, criar novas formas, sofrer o impacto dos acontecimentos. É da árvore e do tronco que brotam ramos sempre imprevisíveis. Inversamente, sem os acontecimentos, não sairíamos do *mesmo* que se repete ou se impõe, num movimento narcísico, causador de tantas mortes. Eis o paradoxo: abrir-se ao acontecimento é sair de si, desligar-se de tudo o que nos torna participantes descartáveis de uma Totalidade, que faz de nós joguetes de uma contabilidade que não tem olhos para as singularidades. Serres faz uma leitura notável do apóstolo Paulo, que sintetiza, na história do Ocidente, um acontecimento sem precedentes: a libertação em relação à lei, à identidade conferida por um laço coletivo, uma língua, uma cultura, uma genealogia e uma obrigação contratual. Paulo se refere a uma subjetividade entendida como o contrário da segurança, a saída de qualquer pertença, vivendo na e da contingência. Assim: “O eu está relacionado com a universalidade dos homens, independentemente da origem da sua pertença” (Serres, 2005, p. 85).

Ora, estar relacionado à universalidade dos homens não é uma simples decisão de um “eu” que pretende estar na posse de uma faculdade volitiva. Trata-se de uma loucura trêmula, em que os contrários se tocam: certeza e dúvida, convicção e negação, luz e trevas. Esta imersão na contingência flutuante e perigosa é igualmente aventureira e generosa: ela fala e responde aos próximos e aos estrangeiros. Aventura que Kierkegaard compreendeu tão bem, ao falar da entrada do imprevisível no mundo. O amor não é um objeto, uma coisa que se pode ver. Ele só se vê por suas obras. O acontecimento decisivo da existência humana é o amor, que é a garantia mesma do imprevisível para a vida. Somente quando amar se torna um dever, a vida estará protegida do desespero e da rotina. O hábito não tem poder sobre o amor (Kierkegaard, 2013b, p. 54-55). Ora, o que significa exatamente o amor como dever? “O mandamento é o evento em que me descubro amando acima de minhas forças, amando como me pediram, mas igualmente e sobretudo como eu não era capaz de fazê-lo” (Chevallier, 2017, p. 103). Posso extrair de mim mesmo mais do que era capaz de tirar. Eis por que o amor traz ao mundo a novidade, um novo regime do ser.

O imprevisível entra no mundo como uma dádiva. Viver é poder ser surpreendido por uma situação de pura gratuidade. Falando sobre a amizade, Simone Weil lembra que não é o nosso esforço ou vontade que nos faz conquistar um amigo. Uma autêntica amizade nos vem como um presente. “Desejar a amizade, afirma a filósofa, é um grande erro. A amizade deve ser uma alegria gratuita, como aquelas que são dadas pela arte, ou pela vida (...). Ela é da ordem da graça. Ela é dessas coisas que são dadas por acréscimo (*surcroît*)” (Weil, 1991, p. 127). Simone Weil intuiu e expressou de modo notável nossa relação com os grandes acontecimentos da vida. “Em todas as coisas, somente o que nos vem de fora, gratuitamente, por surpresa, como um dom da sorte, sem que nós tenhamos procurado, é alegria pura. De modo análogo, o bem real só pode vir de fora, jamais de nosso esforço” (Weil, 1991, p. 101).

O acontecimento se torna advento quando, ao romper a monotonia do igual, faz surgir uma nova existência, um novo sujeito, uma nova história (Serres, 2005). Mas o que nos pode proteger dos riscos que corremos? Como nos defender dos fracassos? Nada e ninguém. O sujeito do acontecimento não é confirmado



e afirmado por uma nova ontologia, pois se trata de uma não-instalação, uma não-ontologia, uma não-segurança. É o preço a se pagar pelo “desprendimento” da alma. Nada nos garante contra possíveis fracassos. Nos instantes mais decisivos de nossa vida, em que podemos escapar por um breve instante às leis do mundo, estamos expostos aos “encontros” que marcarão para sempre nosso percurso vital. Paradoxalmente, é nesses instantes que experimentamos também o vazio moral (Weil, 1991, p. 55). Como sair da vacuidade do mundo? Nos momentos mais dramáticos podemos ser subjugados, derrubados vencidos. Podemos, igualmente, abandonar, mesmo que por breves instantes, as leis desse mundo.

## O “Sujeito” do Acontecimento

Para dizer em linguagem fenomenológica: somente um sujeito sensível e vulnerável poderia ser afetado por um acontecimento. É preciso que algo aconteça a alguém, a uma subjetividade. Como descrever este “eu”? Husserl afirmou que a consciência, no estado desperto, descreve-se como um “receber o impacto de uma afecção”. A atenção de um “eu” é sempre atraída por certos “objetos”. Melhor dizendo, é preciso um eu receptivo para que os estímulos que o afetam possam ser acolhidos. O Eu consente ou não aquilo que lhe advém, acolhe ou não os “objetos” que o afetam (cf. Husserl, 1991, § 17, p. 93). Mas até que ponto tal controle é possível? Husserl mesmo admite: a decisão pela filosofia não é casual. Requer uma mudança radical de vida. É resposta a um apelo, é responsabilidade diante de um dever absoluto. A decisão pela filosofia engaja a personalidade como um todo. É uma tarefa infinita, motivada pela resposta a uma convocação. É um arrebatamento erótico no sentido platônico, um encontro com a beleza em sua forma mais exigente, rica e grandiosa (Husserl, 1972). Ousamos dizer que, também em Husserl a ipseidade será constituída pela relação com afecções que fazem dela um *si* exposto a uma alteridade. A vulnerabilidade é a característica mais notável de uma ipseidade impactada por imprevisíveis que tornam humana a vida.

Somos sempre afetados por eventos corporais inumeráveis, *investidos* por um “outro” que habita em nós. Merleau-Ponty compreendeu isso muito bem, expressando-o de modo tão belo. Para ele, nas situações temporais as mais diversas, um porvir pode ser instituído. Algo novo pode nascer, inaugurando toda uma história que pode tornar possíveis novos encontros e novas cooperações. É assim que meu corpo, com seus gestos e palavras, sempre pode ter mais sentido do que posso prever e imaginar. O sujeito vulnerável se deixa investir, “consegue fazer habitar no seu ‘eu penso’ e no seu corpo um sentido que o transcende” (Merleau-Ponty, 2012, p. 10). Ou seja, meu corpo, meus gestos, minhas palavras e minha vida ultrapassam o que planejo, intenciono, experimento ou penso conhecer. É o fato de estarmos “expostos” a acontecimentos que escapam absolutamente a toda previsibilidade, a todo desejo de conhecimento claro e distinto, que nos possibilita agir, assumindo desta sorte a responsabilidade pelo futuro por aqueles que virão depois de nós.

É nossa vulnerabilidade ou “exposição” que faz que o acontecimento seja único e irrepetível, excedendo sobre tudo aquilo que o antecede. Mais ainda: o mundo não caberá mais em nenhuma definição, deixando também de ser finito. Graças ao acontecimento, novos horizontes se abrem. Pode-se mesmo dizer que o acontecimento traz um verdadeiro recomeço para uma série de situações passadas, reorganizando, não sem violência, antigos fenômenos (Marion, 2013, § 17, p. 283-5). É *a mim* que algo acontece, ou seja, uma singularização se produz no momento que se experimenta numa situação inesperada. É como se ninguém pudesse estar em meu lugar, em minha subjetividade. No acontecimento, é a totalidade de meu existir que se encontra em questão. “Um acontecimento não me advém senão na medida em que me advenho a mim mesmo através dele, enquanto estou em questão como eu mesmo, vale dizer, como ipseidade” (Romano, 2008, p. 46). O que está em questão, portanto, é a condição humana como tal. Nossa humanidade se compreende a partir da exposição sem controle prévio aos acontecimentos.

O “eu” carrega sempre um “preceder-se a si mesmo”, um “dativo” (o *a mim*, o que *me acontece*, o que *me chega*) constituinte de sua ipseidade. Trata-se de algo primordial, um “estar afetado por” que condiciona a identidade de um sujeito. O esquema receptividade-atividade, presente nas discussões filosóficas tradicionais, é insuficiente para explicitar o *pathos* originário. É a passividade como vulnerabilidade de um sujeito de carne e de sangue, para dizer com Levinas, é o “estar exposto a” da corporeidade que faz de nós existentes interpe- lados constantemente pelos acontecimentos (Waldenfels, 2000, p. 264).

Por conseguinte, o acontecimento toma, para a subjetividade, uma dimensão incomensurável. Se, como dissemos acima, o “eu” está sempre afetado, em sua corporeidade, pelos “objetos” do mundo, o acontecimento terá um enorme poder sobre a identidade de um sujeito. Fenomenologicamente, pode-se dizer o seguinte: Para vir até nós, o fenômeno tem apenas de surgir, advir e nos afetar. Ele se dá a nós, ou se doa, como gosta de dizer Marion. Temos, assim, uma lei de essência: para que algo se produza como fenômeno, é preciso que ele tenha sido dado (*donné*). Ser, aparecer, afetar, tudo isso são doações. “Todo fato, todo problema e toda consciência começam por dados imediatos, pela imediatidade de um dado” (Marion, 2013, § 5, p 91). A doação desconcerta o sujeito. Ela oferece a este sujeito o que ele não poderia extrair de si mesmo. A doação coloca o sujeito numa situação de desmedida graças à qual é capaz de se receber a si mesmo daquilo que lhe chega.

Doação que o transforma, mudando radicalmente sua vida. Para que o fenômeno se mostre, é preciso considerar uma transformação, uma espécie de passagem do informe à forma visível. Um olhar desatento pode prestar atenção, envolver-se com algo. O olhar começa a se exercer, conferindo uma forma visível a algo



que foi dado (Marion, 2013, § 11, p. 175). O “eu” está então no controle? De modo algum. No mostrar-se do fenômeno, é o próprio fenômeno que faz as vezes de um guia, é ele que vem a nós, não se sabe bem de onde. Ele chega *a mim*. Eis que tudo o que se organizava de um certo modo para mim se torna doravante modificado, transformado. “Minha vida não é mais a mesma, depois do que aconteceu”. Como pode o fenômeno, com acontecimento, me tocar e me afetar? Marion sustenta que o fenômeno deve cair sobre a consciência (Marion, 2013, § 16, p. 249). Como isso é possível?

Eis a fenomenalidade que consiste simplesmente em um brilho (*éclat*), numa imposição, no surgimento abrupto de algo inesperado. “O olhar recebe sua impressão do fenômeno, antes de toda tentativa de constituir-lo” (Marion, 2013, § 17, p. 264). O *si* do fenômeno, isto é, sua exibição a si mesmo, não é o resultado de uma inferência, nem de uma constituição. Ele resulta de uma *pressão* que se exerce sobre o olhar, vale dizer, de uma imposição. Imposição que poderá surgir eventualmente como um apelo. O sujeito, neste caso, é aquele que responde. Sem alguém que seja capaz de dizer “eis-me aqui”, não se poderia nomear ou reconhecer um apelo<sup>2</sup>. Assim: “Eu me reconheço convocado e interpelado antes da consciência de minha subjetividade” (Marion, 2013, § 29, p. 487). Há uma reivindicação que se cumpre antes mesmo que o sujeito a reconheça como tal. Não fossem o imprevisível, o inesperado e a surpresa, o “eu” não poderia descobrir-se como convocado.

Para Claude Romano, o “eu” que advém a si mesmo é um “si” capaz de se apropriar do acontecimento, graças à provação pela qual passou. O importante é saber de que modo o “eu” como um *si* integra o acontecimento à experiência, como ele vem a si mesmo a partir do que vivenciou. Certo, ele pode fracassar nessa tarefa, mas a possibilidade de uma apropriação existe. “Em síntese, a ipseidade designa a capacidade de nos apropriarmos dos acontecimentos relacionando-nos pessoalmente com eles e, através dessa apropriação, de advir a nosso próprio *si*, quer dizer, de adquirir uma singularidade” (Romano, 2008, p. 49).

Seria o caso de dizer que estamos passivamente jogados no mundo, sem defesa, sem iniciativa, sem nenhum poder de apropriação? Melhor seria dizer que as provações por que passamos permitem um “advir a nós mesmos”. O que isto significa exatamente? Levinas nos ensina que, se o acontecimento implica exposição e impossibilidade de domínio, é porque a subjetividade está diante de uma radical alteridade. Situação decisiva, pois nos permite intencional o futuro enquanto tal, relacionando-nos com um mistério. Mais do que existir passivo, o que se abre é uma experiência temporal que nos liberta da fatalidade e da passividade. Como assim? É que, na perspectiva levinasiana, o “outro” só *aparece* como ausência que se entende num horizonte de futuro, no qual a fatalidade se torna vencida de algum modo. Por quê? Porque o tempo, relação com outrem, pode constituir uma vida pessoal capaz de sair da imanência, lutar contra a morte, criar o novo, afirmar-se como fecundidade, prolongando-se num existente nascido de um ato de amor (Levinas, 2011, p. 85). A contingência da vida sempre poderá superar a necessidade da morte. O “eu” é fecundo. O que o acontecimento ensina? Que o tempo se renova incessantemente, que uma nova existência, um novo sujeito e uma nova história podem surgir (Serres, 2005) e, finalmente, que o possível é maior do que o real.

## Referências

- Bergson, H. (2014). *La pensée et le mouvant*, Paris: Flammarion.
- Chevallier, P. (2017). *Ser eu. Atualidade de Soren Kierkegaard*. Trad. Carolina C.L. Dittrich e Evandro de Souza, Florianópolis: Editora UFSC.
- Fabri, M. (2020). O apelo, a resposta e a paradoxal visibilidade do invisível: Influxo levinasiano sobre a fenomenologia francesa. *Estudos de religião*, 34 (2), 315-330 (<https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v34n2p315-330>).
- Hegel, G.W.F. (1987). *Précis de L'encyclopédie des sciences philosophiques*. Trad. Jean Gibelin, Paris: J. Vrin.
- Heidegger, M. (2002). *Ser e Tempo* (I e II). Trad. Márcia de Sá Cavalcante, Petrópolis: Vozes.
- Husserl, E. (1972). *Philosophie première* (II). *Théorie de la réduction phénoménologique*. Trad. Arion L. Kelkel, Paris: PUF.
- Husserl, E. (1991). *Expérience et jugement*. Trad. Denise Souche-Dagues, Paris: PUF.
- Kierkegaard, S. (1973). *Le concept d'angoisse*. Trad. Paul-Henri Tisseau et Else-Marie Jacquet-Tisseau, Paris: Éditions de L'Oreinte.
- Kierkegaard, S. (2013a). *Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas*, vol. 1. Trad. Álvaro M. Valls, Petrópolis: Vozes.
- Kierkegaard, S. (2013b). *As obras do amor*. Trad. Álvaro M. Valls, Petrópolis: Vozes.

<sup>2</sup> Creemos, a esse respeito, que a influência de Levinas é importante para se compreender a fenomenologia de Marion (Fabri, 2020).



- Levinas, E. (1994). *Les imprévus de l'histoire*, Montpellier: Fata Morgana.
- Levinas, E. (2011). *Le temps et l'autre*, Paris: PUF.
- Marion, J-L. (2013). *Étant donné. Essai d'une phénoménologie de la donation*, Paris: PUF.
- Merleau-Ponty, M. (2012). *La institución/La pasividad. Notas de cursos en el Collège de France (1954-1955)*. Trad. Mariana Larison, Barcelona: Anthropos.
- Romano, C. (2008). *Lo posible y el acontecimiento. Introducción a la hermenéutica acontecimental*. Trad. Aníbal Fornari, Patricio Mena, Enoc Muñoz, Santiago (Chile), Ediciones Universidad Alberto Hurtado.
- Saint Cheron, M. (2010). *Entretiens avec Emmanuel Levinas (1983-1994)*, Paris: Le Livre de Poche.
- Serres, M. (2005). *Ramos*. Trad. Sérgio Pereira, Lisboa: Instituto Piaget.
- Waldenfels, B. (2000). La responsabilité. In: Emmanuel Levinas, *Positivité et transcendance, suivi de Levinas et la phénoménologie* (p. 259-283), Paris: PUF.
- Waldenfels, B. (2004). El poder de los acontecimientos. *Azafea*, Rev. fil. 6, p. 139-151 (<https://doi.org/10.14201/4749>).
- Weil, S. (1988). *La pesanteur et la grâce*, Paris: Plon.
- Zizek, S. (2017). *Acontecimento. Uma viagem filosófica através de um conceito*. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Zahar.

Submetido em 12.09.2021 – Aceito em 22.12.2021